

A INSTITUCIONALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO SEXUAL NO BRASIL: SEXOLOGIA E EDUCAÇÃO SEXUAL DO SÉCULO XIX AOS NOSSOS DIAS

THE INSTITUTIONALIZATION OF SEXUAL KNOWLEDGE IN BRAZIL: SEXOLOGY AND SEXUAL EDUCATION FROM THE XIX CENTURY TO OUR DAYS

Regina Celia Bedin 1
Luci Regina Muzzeti 2
Paulo Rennes Marçal Ribeiro 3

Resumo: O artigo analisa a construção do conhecimento sexual no Brasil desde o século XIX, começando pelas faculdades de medicina e a produção de teses; passando pelas primeiras décadas do século XX e a produção de livros de sexologia e de educação sexual; até chegar aos anos 1960, com a identificação das primeiras escolas a terem educação sexual. Em seguida, analisa o período ditatorial pelo qual o país passou, de 1964 a 1985, quando sociedades científicas ligadas à medicina possibilitaram estudos e discussões sobre sexo e sexualidade. Com o final da ditadura, o conhecimento sexual se consolida nas universidades e surgem os grupos de pesquisa, que dão novo impulso à educação sexual, tornando o Brasil importante polo de discussão teórica e de propostas de intervenção nesse campo de conhecimento. Finaliza com uma análise do momento atual em que um pensamento conservador inclinado à direita toma conta da sociedade brasileira e estimula discursos e ações contrárias, não só à educação sexual, mas a todas as reflexões, críticas e intervenções relacionadas a gênero, sexualidade e liberdade de expressão.

Palavras-Chave: Educação sexual. Saberes sexuais; História da educação sexual. Institucionalização do conhecimento sexual. Brasil.

Abstract: The article analyzes the construction of sexual knowledge in Brazil since the 19th century, starting from medical schools and the production of thesis; going through the first decades of the 20th century and the production of sexology and sex education books; until the 1960s, with the identification of the first schools to have sex education. Then, it analyzes the dictatorial period that the country went through, from 1964 to 1985, when medical scientific societies made studies and discussions about sex and sexuality. After the end of the dictatorship, sexual knowledge was consolidated in universities. Research groups emerged, giving new impetus to sex education, making Brazil an important pole of theoretical discussion and proposals for intervention in this field of knowledge. It ends with an analysis of the current moment, in which conservative thinking of right wing takes hold of Brazilian society and stimulates discourses and actions that are contrary to sex education and all reflections, criticisms and interventions related to gender, sexuality and freedom expression.

Keywords: Sexual education. Sexual knowledge. History of sexual education. Institutionalization of sexual knowledge. Brazil.

Doutora em Educação Escolar. Integrante do Núcleo de Estudos da Sexualidade – NUSEX. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4905487443042486> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3250-9472> E-mail: redacelita@hotmail.com 1

Professora Associada no Departamento de Educação e Programas de Pós-Graduação em Educação Sexual e Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, em Araraquara. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5851335209487224> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6808-2490> E-mail: luci.muzzeti@unesp.br 2

Professor Associado no Departamento de Psicologia da Educação e Programas de Pós-Graduação em Educação Sexual e Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, em Araraquara. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7163791603588084> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1552-5702> E-mail: paulo.rennes@unesp.br 3

Podemos estabelecer o século XIX como o período em que o sexo se tornou oficialmente objeto de estudo institucionalizado no Brasil. É na Medicina que o discurso sexual encontra sua primeira acolhida e é dos médicos que surgem os primeiros enunciados sexuais, ainda que voltados para uma nosologia das perversões, desvios e condutas patológicas. É da Medicina que surge a Sexologia, que nas primeiras décadas do século XX vai produzir vasta gama de obras sobre educação sexual e atrai, além de médicos, também educadores e psicólogos, que vão fazer parte do grupo pioneiro responsável pela institucionalização e difusão dos saberes sexuais no país (Corrêa, 1998), nesta pesquisa nomeados como pertencentes à primeira fase de institucionalização do conhecimento sexual no Brasil.

Os estudos de Carrara; Russo (2002), Reis; Ribeiro (2004), Ribeiro (2004) e Ribeiro (2009) nos forneceram os elementos necessários para a compreendermos a sistematização do conhecimento sexual nas primeiras décadas do século XX, enquanto que Russo; Rohden (2011) traçaram um panorama da Sexualidade como ciência e profissão no Brasil, no que destacamos o período pós 1970, que ainda não havia sido objeto de um estudo sistematizado. Figueiró (1995) analisou a produção em educação sexual do período de 1980-1993 e Maio (2013), a partir de entrevistas realizadas com professores que atuaram com educação sexual nos anos 1960, traçou um panorama de como o início dos “anos de chumbo” marcou e determinou os rumos da educação sexual no país, afastando-a da escola e atrasando inexoravelmente sua implantação.

Por outro lado, o afastamento da educação sexual da escola direcionou os estudos sobre sexualidade para um espaço educacional que, mesmo sob o regime militar, conseguiu manter certo grau de autonomia que foi aumentando na medida em que a ditadura ia abrاندando: a universidade. Nos anos 1980 várias dissertações e teses são produzidas em conceituadas universidades (Figueiró, 1995; Figueiró, 2001; Figueiró, 2006) e a partir de então são criados vários grupos de investigação que passam a aglutinar estudos e pesquisas sobre sexualidade e educação sexual (Bedin, 2010).

Voltando às origens do pensamento sexual institucionalizado, Ribeiro (2004, p. 18) diz que, enquanto na Colônia a educação sexual era “informal e se pautava praticamente apenas nos usos e costumes correntes, no Império ela passa a ser documentada em teses, livros e manuais”. E Jurandir Freire Costa faz uma análise explicando o início dessa institucionalização:

A medicina higienista impõe às famílias uma educação física, moral e sexual que será responsável por várias mudanças nos costumes familiares... Contribuiu, junto com outras instâncias sociais, para transformá-la na instituição conjugal e nuclear característica de nossos tempos [...] A família nuclear e conjugal [...] era higienicamente tratada e regulada (COSTA, 1989, p. 13).

Temos algumas teses que podem ser aqui mencionadas para ilustrar o período, como a de J. P. Lemos, de 1851, sobre o celibato e as mulheres e a de F. B. Barros, de 1869, sobre o efeito do celibato na saúde dos homens, ambas da Faculdade de Medicina da Bahia. (LEMOS, 1851; BARROS, 1869). No Rio de Janeiro temos, como exemplo, uma tese sobre a ninfomania defendida por Araújo Ribeiro (Ribeiro, 1842), e outra de Luiz Vianna D’Almeida Valle, de 1847, sobre a mulher e o matrimônio (Valle, 1847), comentada por Cristiana Oliveira:

Na primeira metade do século XIX, a medicina enfatizava o casamento como um remédio para diversos males individuais e sociais. A puberdade aparece como uma fase que indicaria o rumo “natural” que a mulher deveria tomar, qual seja, o de unir-se ao homem para perpetuar a espécie, sendo o casamento a forma mais legítima de coroamento desse desígnio. Nesse sentido, o celibato, a continência e a esterilidade seriam situações condenáveis, prejudiciais que

seriam à saúde e à longevidade. Mas a medicina não vai defender o mero acasalamento como prática reprodutiva. É necessário inseri-la na ordem jurídica do casamento, a fim de preservar a família no cumprimento de sua função de fazer crescer, com saúde e com educação, a população. Era preciso civilizar o Brasil, a partir da lógica médica emergente (OLIVEIRA, 2013, s/p).

Outro foco das teses de medicina é a prostituição, assim analisada por Roberto Machado, Angela Loureiro, Rogerio Luz e Katia Muricy na clássica e instigante obra *Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*:

A Academia e a Faculdade de Medicina voltam-se para a prostituição e mostram como ela prejudica a população brasileira, por atingir diretamente a família. Através de teses, memórias, sessões dedicadas à prostituição, os médicos apontam as consequências funestas de uma prostituição desregrada. A grande doença proveniente dessa situação é a sífilis, contagiosa, hereditária e poderoso agente morbífico. [...] A família brasileira acha-se ameaçada em sua própria existência por uma doença, que, através de seu “chefe”, contamina esposa e filhos (MACHADO et al, 1978, p. 335).

Algumas teses que podem ilustrar esta preocupação são as de Herculano Augusto Cunha, *Dissertação sobre a prostituição, em particular na cidade do Rio de Janeiro*, de 1845; e a de Miguel Antonio Herédia de Sá, também de 1845, intitulada *A cópula, o onanismo e a prostituição* (CUNHA, 1845; SÁ, 1845).

[...] um tipo de medicina que procurou estabelecer e justificar sua presença na sociedade, através, sobretudo da higiene pública... [significando] o início de um período que assinala para a medicina um novo tipo de existência enquanto saber e enquanto prática social, que se distingue e opõe às várias formas de seu passado (MACHADO et al, 1978, p. 18-19).

Importante também lembrar que, segundo André Bejin, o século XIX – mais precisamente os anos de 1844 e 1866 – é o palco do surgimento da primeira Sexologia, aquela fundada em Kraft Ebing e sua clássica *Psychopathia sexualis*,

mais preocupada com a nosografia do que com a terapêutica e centralizada principalmente nas doenças venéreas, na psicopatologia da sexualidade (as grandes “aberrações” e suas relações com a degenerescência) e no eugenismo (Bejin, 1985, p. 211).

Os médicos autores das teses no século XIX foram professores que influenciaram a formação médica das primeiras décadas do século subsequente, aumentando o número daqueles interessados em questões ligadas à sexualidade e à educação sexual, como explica Ribeiro (2004, p. 18):

Do século XIX às primeiras décadas do século XX, a relação da medicina com a sexualidade se torna cada vez mais intensa, culminando com o surgimento da sexologia enquanto campo oficial do saber médico e com a publicação,

principalmente a partir e 1920/40, de dezenas de livros [veiculando] a importância e necessidade da educação sexual.

E, ainda partindo da interpretação de André Bejin, este é o período da segunda Sexologia:

Eu situaria o nascimento da segunda sexologia, isto é, da sexologia atual, nas três décadas que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, digamos entre 1922 e 1948: foi em 1922 que Wilhelm Reich descobriu o que chama de “verdadeira natureza da potência orgástica”; em 1948 é publicado o primeiro dos dois grandes livros de Kinsey. A sexologia circunscreve e define, nesse quarto de século, seu problema central: o orgasmo. (Bejin, 1985, p. 211).

No Brasil entre guerras, dois médicos se notabilizaram enquanto representantes pioneiros da Sexologia no país – José de Albuquerque e Hernani de Irajá. Não foram os únicos, como bem descreve Ribeiro (2004), podendo a eles acrescentar pelo menos Antonio Austregésilo, estudado por Augusto (2015), e Álvaro Negromonte, que era sacerdote e foi estudado por Costa (2007).

Para Carrara; Russo (2002, p. 274),

os discursos especializados sobre sexo foram articulados sobretudo por médicos. Tais discursos emergiam de uma espécie de nebulosa, cujos vapores emanavam da agitação que a questão sexual produzia em diferentes pontos do campo intelectual de então. Tendo no período o mesmo estatuto retórico da questão social, a questão sexual referia-se de modo um tanto inconsistente à percepção de que certas instituições (principalmente o casamento) e valores (principalmente os que equacionavam sexo e imoralidade) eram inadequados ou até mesmo danosos, tendo como consequência a proliferação de um conjunto de males sociais que iam da prostituição às doenças venéreas, da pornografia à corrupção de menores, da esterilidade à decadência das nações.

José de Albuquerque, médico formado sob as influências do eugenismo e do higienismo, nasceu em 1904 e ficou reconhecido por suas inúmeras obras referentes à educação sexual e à sexualidade, divulgadas entre 1928 e 1958, especialmente na cidade do Rio de Janeiro. Tais obras surgiram em um quadro político-social de profundas mudanças, caracterizado pelo desenvolvimento de indústrias e descobertas científicas, preocupado com a prevenção de doenças, adequando a população à nova sociedade moderna. Em 1930, em seu livro denominado *Moral sexual*, faz referência aos prós e contras da prostituição. Em 1933, publicou *Da impotência sexual do homem*, em que defende a educação sexual como forma de manter uma ordem familiar por meio da higienização – física e moral – da população, assegurando, dessa forma, o desenvolvimento de um sujeito saudável apto para uma *nova sociedade*. Ademais, o autor trata a questão da impotência como sendo a causadora de transtornos psicológicos que afetarão a vida social e afetiva do indivíduo. No dia 5 de julho de 1933, criou o CBES – Círculo Brasileiro de Educação Sexual, com o objetivo de dispersar os conhecimentos básicos da educação sexual entre os brasileiros. Também foi diretor e redator-chefe do Boletim de Educação Sexual e do Jornal de Andrologia. Em 1935, na obra *Educação sexual pela rádio*, o médico publica as quinze palestras por ele ministradas na rádio Cajuti, Rio de Janeiro. Os ideais de

Albuquerque encontram-se em conformidade com a trilogia *moral/religião/vida sexual* do movimento eugênico da época. Em 1940, por meio da publicação de mais um livro, *Catecismo de educação sexual*, o autor aborda as doenças venéreas, com o objetivo de *higienizar*, ou seja, prevenir tais doenças. Em 1958, publicou seu último livro, *Quatro letras, cinco lustros*, em que relata as importantes e diversas iniciativas do CBES. A proposta de educação sexual de José Albuquerque encontrava-se encerrada nos ideais de educação sanitária, isto é, a de bons hábitos higiênicos visando a uma moral sexual de bons comportamentos. Deveria, ainda, ser esta educação incluída nas escolas, tendo em vista o desenvolvimento pleno e integral dos indivíduos, sendo o professor de história natural, a pessoa mais indicada para dialogar questões envolvendo a função sexual. Também era defensor de que a educação sexual deveria ter início logo na infância, inclusive para as meninas (REIS, 2006).

Médico, pintor e jornalista, Hernani de Irajá nasceu na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul, em 1894. Irajá teve inúmeras obras publicadas, podemos destacar: *Adeus! Lapa* (1967), *Amores e Paixões* (1956), *O Homem* (1959) e *Confissões de um Conquistador de Criadas* (1968), sendo a primeira de gênero memórias e as três últimas, romances, todos autobiográficos. Em *Amores e Paixões*, o autor expõe dados significativos sobre a sua vida. É nessa obra que o autor relata suas mais remotas lembranças da infância: dois leões de pedra que adornava a fachada da casa em que nasceu, as ruas do Acampamento e do Comércio, com lojas e vitrines encantadoras. Durante sua infância, morou em várias cidades: São Sebastião do Caí, São Leopoldo e Porto Alegre, permanecendo nesta última. Embora fosse muito disciplinado com os estudos, Irajá gostava de “vadiar”. Aos doze anos de idade, estudou no Ate-neu Brasileiro. Posteriormente, após os exames preparatórios e sua desistência no curso da Escola de Engenharia, ingressou na Faculdade Livre de Medicina e Farmácia, em Porto Alegre, contribuindo para alguns jornais como *O Exemplo*, *O Escrínio* e *O Independente* e revistas, como a *Revista Kodak*. Formou-se em 1917, tendo sua tese *Psychoses do Amôr em 1918*. Em 1923, sua família muda-se para Cais Faroux, na área portuária do Rio de Janeiro. No ano seguinte, Irajá ocupou o posto de Primeiro Tenente do Forte de Copacabana. Na década de 1920 publicou vários livros – *O Esfôrço para a Beleza* (1923), *Landru no Inferno* (1923), *Cenestopathias* (1924), *Neurasthenia e Melancolia* (1924), *O Ciúme* (1924), *Loucos* (1926), *Delacroix e Gericault* (1927), *Artista* (1928), dentre outros.

Em 1930, casou-se com Flora Simões. Enquanto médico sexólogo, Irajá publicou, além da já citada obra *Psychoses do Amôr*, obras intituladas como *Cenestopathias e Neurasthenia e Melancolia* (1924), *Sexualidade e Amor* (1932), *Morphologia da Mulher* (1933), *Tratamento dos Males Sexuais* (1933) e *Psychopathologia da Sexualidade* (1933).

Durante a década de 1930, inúmeros autores publicaram obras referentes ao campo sexual. Em 1940, acusado de “ambivalência sexual”, incesto, “taras sexuais” e de realizar orgias em seu consultório, Irajá foi preso. *Psychoses do Amôr* é, sem dúvidas, o seu livro mais conhecido, sendo publicado por três editoras, obtendo 15 edições até 1969. Sua grande repercussão deu-se ao fato de Irajá problematizar as perversões do instinto sexual e das anomalias do amor, fundamentado em autores como Sigmund Freud, Krafft-Ebing, Havelock Ellis e Paolo Mantegazza, dentre outros. Em 1945, Irajá publicou *O Sensualismo na Arte* e, nas duas décadas seguintes, *Segredos Sexuais* (1953), *Impotência Sexual* (1957), *O Sexo Nu* (1966) e *Sexo e Virgindade* (1969). Irajá recebe crítica de alguns autores – como por exemplo, Augusto Frederico Schmidt – devido às pinturas de nus que realizou. Em agosto de 1969, Irajá morreu, tendo sido diagnosticado com septicemia, leucemia aguda e linfossarcomatose (EZA-BELLA, 2010).

Antônio Austregésilo, pai da Neurologia brasileira, nasceu em Recife no ano de 1876, foi professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e médico neurologista. Foi membro da Academia Brasileira de Letras, presidente da Academia Nacional de Medicina e precursor da Psicanálise no Brasil, reconhecido por vastas obras referentes à sexualidade publicadas durante as primeiras décadas do século XX. Os ideais eugênicos e higiênicos intervieram fortemente nas obras do autor. Na época, um grande número de pessoas apresentava o quadro clínico da neurastenia sexual, o que levou Austregésilo a publicar, em 1919, a obra intitulada *Psiconeuroses e sexualidade I – a neurastenia sexual e seu tratamento*, um compêndio para orientar os homens que apresentassem tal transtorno psicológico. Austregésilo demonstra uma postura

mais conservadora, ao considerar a figura feminina como causadora da neurastenia masculina, mas também descreve de forma muito sucinta a neurastenia feminina. Em 1924, o autor publicou *Perfil da mulher brasileira*, obra instrutiva para as mulheres, no que tange aos seus comportamentos. Suas obras possuem como embasamento autores como Feré, Ribot, Raymond, Krafft-Ebing, Forel, Charcot e Freud. *Conduta sexual* foi a sua terceira publicação. Recorrendo à Psicanálise, o autor faz uma crítica ao pensamento banal de a criança ser assexuada, uma vez que esta é possuidora de zonas erógenas desde o momento em que nasce, obtendo diferentes formas de prazer. Para o autor, a sexualidade era um fator biológico, isto é, voltava-se para a preservação da espécie, e quaisquer atitudes que fugissem a essa regra, resultariam em complicações físicas e mentais. Em conformidade com os ideais da eugenia e do higienismo, Austregésilo defendia o ensinamento da educação sexual em todas as instâncias sociais – família, escola, profissionais da saúde – como meio de prevenir males e doenças para a sociedade futura. Uma Educação livre de castigos, repressões e histórias fantasiosas e/ou aterrorizantes para as crianças. (AUGUSTO, 2015)

Monsenhor Álvaro Negromonte, nascido em Timbaúba, Pernambuco, ficou conhecido por suas atividades educacionais catequéticas, principiando sua carreira sacerdotal no Seminário de Olinda, aos treze anos de idade. Após 1924, foi coadjutor da Paróquia de Nazaré da Mata, assumindo as funções de Capelão do Colégio Santa Cristina e nos anos 30, diretor do Colégio Diocesano Bento XV. Em 1927, por motivos de saúde, mudou-se para Belo Horizonte, Minas Gerais. Através das ações políticas de Francisco Campos, o estado mineiro buscava renovar o ensino primário e normal, por meio do movimento escolanovista. Em meio às intensas transformações educacionais, o governo mineiro convida a psicóloga Helena Antipoff para assumir a cadeira de Psicologia Educacional e a direção do Laboratório de Psicologia, na *Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Minas Gerais*. Álvaro Negromonte contrapõe-se à psicóloga devido a sua pesquisa intitulada *Ideais e Interesses das crianças em Belo Horizonte*, razão pela qual o sacerdote, nos anos 30, escreveu uma série de livros voltados à formação cristã da juventude, para a qual defendia uma educação para a castidade, presente em *A Educação Sexual* (1937), sua mais conhecida e famosa obra, que em 1959 já estava em sua 9ª edição.

Temos, então, um embate: por um lado, a Escola Nova, com seus princípios de modernidade e, por outro, a Igreja Católica, com ideais conservadores, que contestava o laicismo no campo educacional republicano, cedendo espaço para a discussão da educação sexual na juventude. Consequentemente, Negromonte, em sua pioneira obra no campo da educação sexual católica, aponta a necessidade da instrução sexual essencialmente cristã para jovens, acreditando que a omissão à curiosidade destes os levava para tortuosas formações. Apesar dos aspectos conservadores da obra de Negromonte, não podemos deixar de constatar sua fundamental característica propulsora sobre a temática da educação sexual para crianças e adolescentes. Álvaro Negromonte influenciou abundantemente a educação católica no Brasil com suas ideias de construção de um corpo temente a Deus. Esse pensamento vigente da época se alastrou por vários estados brasileiros, predominantemente no estado de Pernambuco (COSTA, 2007).

Excetuando, talvez, o Monsenhor Negromonte, que nunca se auto intitulou sexólogo, verificamos que há um distanciamento dos primeiros sexólogos das mais proeminentes e respeitadas associações médicas da época e

a sexologia atraía sobre si suspeitas de imoralidade e seus cultores nem sempre escaparam ao estigma de perversos ou pervertidos. Não parece ser possível, portanto, falar da sexologia no Brasil da primeira metade do século XX sem refletir sobre o estigma que a cercava (e ainda a acompanha) e que em certa medida a manteve como especialidade menor ou subalterna no campo médico e fora dele (CARRARA; RUSSO, 2002, p. 275).

que conheceram os sexólogos brasileiros referem-se a eles ou como exóticos inofensivos, ou como perversos. Nesse sentido, destacou-se, sobretudo, a figura de Hernani de Irajá, sobre quem pairam acusações de ambivalência sexual, incesto, taras sexuais, realização de bacanais. Um dos informantes chegou mesmo a dizer que Irajá teria sido preso na década de 1940 pelo delegado Frota Aguiar (Delegacia de Costumes) por conta das orgias que costumava promover em seu consultório. Sob um olhar “torto” dos companheiros médicos de outras especialidades consideradas mais nobres, os sexólogos das primeiras décadas aumentam em número e em publicações, influenciando mais e mais interessados neste campo do saber.

Reis; Ribeiro (2004) citam tanto os autores dos anos iniciais, como Gastão Pereira da Silva, que em 1934 publicou *Educação sexual da criança: psico-análise da vida infantil*; Sebastião Barroso e seu livro *Educação sexual – guia para pais e professores: o que precisam saber, o que devem ensinar*, de 1935; e Afrânio Peixoto e sua *Eunice ou a educação da mulher*, de 1936, quanto autores que publicaram após a “fama” de José de Albuquerque e Hernani de Irajá: Ernesto Then de Barros, que, em 1945 publicou *A juventude e a vida sexual*, com 2ª edição em 1951 e 4ª edição em 1962; e Imídio Giuseppi Nérici, que em 1958 publicou *Seus filhos, o sexo e você: normas de educação sexual da infância e da adolescência*, com 2ª edição em 1959.

Nos anos 1960, portanto, podemos considerar que já existe uma mentalidade favorável à educação sexual emergido no período entre guerras e forjado pelos pioneiros sexólogos, que possibilitou as primeiras experiências efetivas de educação sexual nas escolas brasileiras. São mencionadas as seguintes escolas: Colégios Pedro de Alcântara, André Maurois, Infante Dom Henrique e Orlando Rouças, no Rio de Janeiro; o Colégio de Aplicação Fidelino Figueiredo, os Ginásios Vocacionais e o Ginásio Estadual Pluricurricular e Experimental, em São Paulo; o Grupo Escolar Barão do Rio Branco, em Belo Horizonte (Ribeiro, 1990; Guimarães, 1995; Sayão, 1997; Ribeiro, 2004; Figueiró, 2006; Maio, 2013).

Há, infelizmente, um retrocesso nesta caminhada exitosa em decorrência do Golpe de Estado de 1964, cujo governo, quatro anos depois, baixou o Ato Institucional nº 5, que suspendeu várias garantias constitucionais, inclusive fechando o Congresso Nacional por quase um ano. A educação sexual não é bem vista pela moral conservadora vigente:

O recrudescimento da repressão atingiu também aquelas escolas renovadoras, cujo trabalho acabou por ser interrompido. Os tempos não pareciam mais favoráveis a que se falasse abertamente sobre sexo. Escolas foram fechadas, professores foram denunciados, alguns foram até processados quando se arriscavam a dar orientação sexual. A partir de 1968, houve um retrocesso em matéria de educação sexual que, na verdade, acompanhou a onda de puritanismo que invadiu o país naquela época e que se manifestou, principalmente, pela intensificação do rigor da censura. (Barroso; Bruschini, 1982, p 22-23).

Ribeiro (2004, p. 21) fala do projeto de lei da deputada do então MDB, Julia Steimbruke para a implantação da educação sexual nas escolas, que foi recusado, duramente condenado e engavetado pela Comissão Nacional de Moral e Civismo, coincidentemente dela fazendo parte um general, um almirante e um padre, responsáveis pelo parecer:

O período não é propício [à educação sexual], pois o regime militar imposto pelo Golpe de Estado de 1964 reprime não só as manifestações políticas, reduzindo as liberdades individuais, mas também as manifestações da sexualidade e as implicações nos padrões de comportamento delas decorrentes.

O que consideramos como mais importante deste período histórico é que o fértil campo intelectual e escolar cultivado a partir das primeiras décadas do século XX, e que já es-

tava colhendo os frutos da educação sexual, foi suprimido e, sem exagero, acabou por deixar um vácuo intelectual cujo preço pagamos até hoje: ainda não temos educação sexual na escola e uma sociedade conservadora e preconceituosa se manifesta nos espaços escolares, familiares e sociais.

É preciso frisar, entretanto, que não há uma dicotomia simples e direta entre esquerda x direita, uma polarização em que liberdades de atitudes e comportamentos sexuais fossem típicos da esquerda e o conservadorismo e a repressão sexual fossem características da direita. Queremos dizer que, paralelamente à contenção da educação sexual na escola, também tivemos a liberação dos filmes eróticos (a pornochanchada) com muita nudez. Percebemos também que comportamentos e atitudes voltados para uma busca de prazeres momentâneos com certa dose de erotismo constituíam a base da libertação da juventude, particularmente a juventude da classe média, boa parte alheia aos acontecimentos políticos do país.

Sexualmente falando, o regime militar foi contraditório. Por exemplo, em 1977, a atriz holandesa Sylvia Kristel, que teve seu filme *Emmanuelle*, de 1974, proibido de ser exibido no Brasil, foi recebida no Congresso Nacional pelo então presidente do Senado, Marco Maciel, e pelo então presidente da Câmara, deputado Petrônio Portella. BARCINSKI (2012) diz que Marco Maciel “cometeu uma gafe ao comentar algumas cenas de *Emmanuelle* sem explicar onde teria assistido a um filme ainda proibido pela censura”, e, o mais cômico, que “o deputado João Climaco (Arena – PI) ficou tão emocionado com a visita da atriz que correu para garantir um lugar ao seu lado e levou um tombo”.

A nudez era permitida, desde que não fosse um *nu frontal*¹, e a EMBRAFILME, ainda que ideologicamente vinculada ao regime militar², foi responsável pela produção e distribuição de “um filão de filmes eróticos de sexo não explícito” (Gatti, 2008, p.109): *Mulher objeto*, *A árvore dos sexos*, *Giselle*, *O Bem Dotado – O Homem de Itu*, *Histórias que Nossas Babás não Contavam*, *Como é Boa a Nossa Empregada*, *As Cangaceiras Eróticas*, *As Intimidades de Analu e Fernanda*, *O Convite ao Prazer*, *Damas do Prazer*, *Desejo Violento*, *A Dama do Lotação*, dentre outros.

Cabe aqui, uma reflexão para entendermos um pouco esta *contradição sexual*:

De fato, as vias tradicionais de engajamento político – sindicatos, partidos, grêmios estudantis – foram literalmente barradas. [Mas] ao mesmo tempo em que, do ponto de vista ideológico, representava os setores mais retrógrados da sociedade (as senhoras da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, o capital agrário), cabia ao regime propiciar a penetração do capital monopolista internacional, para o qual se fazia necessário assegurar um público consumidor para as indústrias aqui instaladas. Ou seja, o moralismo dos setores retrógrados não deveria servir de empecilho para a modernização dos consumo (RUSSO; ROHDEN, 2011, p. 28-29).

A indústria cinematográfica talvez possa ser inserida neste contexto, pois na ótica do regime militar deveria “ultrapassar os princípios do cinema artesanal propostos pelo cinema novo [... e voltar-se] para a busca de uma eficiência mercadológica” (GATTI, 2008, p. 109).

A questão central, no entanto, é que embora tivesse havido uma interrupção no pro-

¹ Curiosamente, o primeiro *nu frontal* do cinema brasileiro ocorreu em 1962, protagonizado por Norma Bengell no filme *Os Cafajestes*, de Ruy Guerra, em data anterior ao Golpe de 1964.

² A EMBRAFILME foi uma empresa estatal brasileira criada para fomentar a produção e distribuição de filmes brasileiros (decreto-lei Nº 862, de 12 de setembro de 1969). Curiosamente, o decreto de sua criação foi assinado pelos membros integrantes da Junta Militar – Almirante Augusto Hamann Hademacher Grunewald, General Aurélio da Lyra Tavares, Brigadeiro Márcio de Souza Melo e o civil Tarso Dutra, que era o Ministro da Educação. Foi extinta em 16 de março de 1990 pelo Programa Nacional de Desestatização do governo Collor. Ver GATTI (2008).

cesso de institucionalização da Sexologia e da Educação Sexual no Brasil, as questões sexuais ainda pululavam na sociedade e os anos 1970 foram palco de transformações na família frutos, inclusive, da modernização tecnológica e ao acesso aos ideais de liberação da sexualidade provenientes principalmente dos Estados Unidos.

Vemos surgir, portanto, em plena vigência da ditadura militar, uma contestação do *status quo*, levada a cabo sobretudo pela cultura da juventude da época, e que deixa de lado as questões tradicionalmente vistas como políticas, atingindo os comportamentos relativos à sexualidade e aos costumes. Ocorre, principalmente, entre os jovens das camadas médias urbanas letradas, uma espécie de “revolução sexual”, a partir da qual temas como as relações sexuais fora do casamento, os relacionamentos “abertos”, as relações com pessoas do mesmo sexo, além de outros tópicos, foram tomados como bandeiras e incorporados aos comportamentos (RUSSO; ROHDEN, 2011, p. 30).

É neste contexto que é gestado e vemos ressurgir o processo de institucionalização do conhecimento sexual no Brasil, que deu lugar a uma segunda fase iniciada nos anos 1980, consolidada ao longo dos anos subsequentes a partir da realização de congressos, criação de sociedades científicas e o surgimento de grupos de pesquisa³ em universidades (Bedin, 2010 e Russo; Rohden, 2011 realizaram pesquisas sobre este período).

Em 1980 é criada, em São Paulo, a Associação Brasileira de Educação Sexual pelo ginecologista Haruo Okawara, a psiquiatra Gilda Fucs, o pediatra Leon Francisco Lobo e a socióloga Maria Helena Matarazzo.

Okawara, em 1977, juntamente com Rogério Sawaya, foi autor da coleção em fascículos *Amar: a realidade sobre a vida sexual*, publicada pela Editora Abril Cultural e apresentada pelo próprio Victor Civita, que escreveu:

A coleção AMAR é resultado de anos de experiência clínica e estudos sobre o comportamento sexual humano. Com a colaboração de renomados especialistas das ciências médicas e sociais, os médicos brasileiros Haruo Okawara e Rogério B. Sawaya escreveram uma obra que responde, em linguagem simples e direta, as indagações fundamentais sobre a sexualidade do homem e da mulher. Ao publicar esta obra, colocando à disposição dos autores sua equipe e recursos editoriais, a Abril Cultural está convencida de que presta significativo serviço ao leitor brasileiro, facilitando-lhe o acesso a informações por meio de uma obra que discute sexo com seriedade e, sobretudo, com naturalidade (OKAWARA; SAWAYA, 1977, p. 3).

A obra, fartamente ilustrada e didaticamente acessível ao grande público, mas também de conteúdo de interesse a profissionais da área, foi dividida em dois volumes com 40 capítulos, e o primeiro deles que também foi o primeiro fascículo a sair nas bancas, tratou justamente da Masturbação. Seguiu-se os temas Menstruação, Orgasmo, Casamento, Disfunções Sexuais, Sexualidade na Infância, Educação Sexual, Adolescência, Aborto, Prostituição, dentre vários outros.

Maria Helena Matarazzo, por sua vez, foi autora de outra obra em fascículos, publicada pela Editora Três em 1982 – *Arte de amar: orientação sexual para o jovem de hoje*, que

³ Antes disso, e bem nos anos de chumbo da ditadura, é criada a primeira sociedade de sexologia – a SBS (Sociedade Brasileira de Sexologia), no Rio de Janeiro, em 1973, que hoje não existe mais.

procurou abranger os seguintes temas: Sexo e Amor em Questão, Dilemas Sexuais, Educação Sexual, Filosofia Pessoal e Técnicas de Comunicação. Em apresentação ao leitor, para a autora, a obra se propunha

a ajudar você a se conhecer, se gostar, se valorizar e se respeitar para adquirir uma autoimagem positiva. Arte de Amar vai lhe ajudar também a descobrir seus próprios valores, isto é, o que é bom para si, o que é certo para si, levando você a desenvolver um código próprio de comportamento sexual, onde seus direitos e os dos outros sejam respeitados. À medida que você se descobre como pessoa e define seus valores, você descobre o outro. Arte de Amar vai lhe mostrar como este elo (você e o outro) pode se formar, procurando abrir seu mundo em várias direções. (MATARAZZO, 1982, p. 5).

Maria Helena Matarazzo também foi responsável pela difusão da educação sexual na mídia, com um programa diário na Rádio Globo de 1976 a 1980 e um serviço de educação sexual por telefone, de 1979 a 1981, e depois, em 1983 (RUSSO; ROHDEN, 2011).

Também em 1980, é fundado (oficialmente) em Brasília o CESEX – Centro de Sexologia de Brasília, que existia informalmente desde 1972, o que o torna o mais antigo centro de formação de profissionais na área da Sexualidade. Criado pelo ginecologista Ricardo Cavalcanti, utilizava as técnicas de Terapia Sexual de Masters & Johnson e ofereceu o primeiro curso de formação em Sexologia do Brasil.

Em 1986 é criada a SBRASH – Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana, em São Paulo, em atividade até hoje:

A fundação da sociedade foi um passo significativo para consolidar a aproximação entre profissionais que atuavam em diferentes regiões do país e de expandir o campo, através de cursos de formação. Entre seus fundadores estavam ... Ricardo Cavalcanti, Paulo Canella, Araguari Chalar Silva, Jean Claude Nahoun e Nelson Vitiello. [...] A SBRASH parece ter sido centralizada durante alguns anos em torno de Nelson Vitiello (que faleceu em 2001). (RUSSO; ROHDEN, 2011, p. 49).

Tanto o CESEX quanto a SBRASH se voltaram para a formação de profissionais de saúde e educação no campo da Sexualidade, mas por não ser objeto desta pesquisa, recomendamos a leitura de Russo; Rohden; Torres; Faro (2009) que dão detalhes sobre esse processo de institucionalização e consolidação da Sexologia.

Importante saber que

o movimento inicial para a estruturação do campo da (segunda) sexologia no Brasil foi, portanto, fruto da articulação entre a ginecologia-obstetrícia e a psicologia, cabendo de fato à ginecologia, como especialidade médica, fornecer a legitimação necessária para a nova especialidade. É necessário lembrar que, neste momento, a psicologia encontrava-se sob forte influência da psicanálise (RUSSO et al, 2009, p. 623).

Com estas descrições, vemos como o campo sexual foi se consolidando e tornando reconhecido no meio médico-psicológico, principalmente no eixo Rio-São Paulo, abrindo novos espaços para a inserção cada vez mais de diferentes profissionais e instituições.

Em 1987 é criado em São Paulo o GTPOS – Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, que tem Marta Suplicy como um dos fundadores. Anteriormente, entre 1980 e 1986, ela notabilizou-se por ser a protagonista do Quadro *Conversando sobre Sexo* no Programa TV Mulher, da Rede Globo. Antes dela, só José de Albuquerque, que nos anos 1930 falava de sexo no rádio até no horário nobre – *A Voz do Brasil!* Marta Suplicy ousava falar em pênis e vagina, no orgasmo feminino, em educação sexual, em plena luz do dia e na TV!!!! (Achamos que hoje ela não conseguiria, mas aí já é outra história...).

Marta Suplicy⁴ escreveu vários artigos para a Sessão Tendências & Debates do Jornal Folha de São Paulo e expôs suas concepções de sexo, sexualidade e educação sexual, influenciando tanto o grande público quanto profissionais de educação e psicologia. Foi suspensa da TV e voltou nos braços do povo. E sua contribuição por meio do GTPOS foi enorme.

Duas de suas posições merecem aqui serem descritas, pois continuam atuais, e na época em que foram divulgadas, já sugeriam os princípios libertadores e emancipatórios que norteiam a educação sexual ainda hoje.

Os princípios da educação sexual para Suplicy (1983, p. 29) são:

- 1- O respeito por si próprio e pela sua dignidade como pessoa;
- 2- O respeito ao outro. A ninguém é permitido ver o outro somente como meio para satisfazer suas necessidades;
- 3- O acesso à informação. Responder o que a criança perguntar de forma honesta e sem preconceito;
- 4; Ajudar a criança a desenvolver o espírito de crítica. Através da não supressão da curiosidade e do estímulo ao questionamento, a criança desenvolve a capacidade de raciocínio, adquirindo condições para refletir sobre o que a cerca e escolher o que lhe convém.

Seu posicionamento em relação à ética na Educação Sexual é atualíssimo, considerando a onda moralista que grassa na sociedade em especial aquela decorrente do fundamentalismo religioso:

Toda sociedade tem dois tipos de valores: os universais e os alternativos. Os universais são os que a maioria das pessoas deve respeitar para que a sociedade funcione, são os valores fundamentais daquela sociedade (não roubar, não matar, etc.). Os valores alternativos são aqueles que não precisam ser compartilhados por todos os membros de uma sociedade. Muitos de nossos valores em relação ao sexo – antes considerados universais, uma vez que todos lhes deveriam prestar cega obediência – agora se tornaram alternativas éticas e permitem ver essa capacidade de escolha a que o educador deve se dirigir. [...] A responsabilidade do educador é a de preparar seus orientandos para tomar suas próprias decisões entre uma variedade de alternativas concorrentes, sempre rendo como orientação os valores unânimes de uma sociedade democrática: 1) Honestidade [...]; 2) Ausência de exploração [...]; 3) Respeito pela integridade do outro. Pela condição do outro. 4) Respeito por si mesmo; 5) Igualdade de direitos entre o homem e a mulher (SUPLICY, 1981, p. 3).

O GTPOS realizou a implantação da Orientação Sexual na rede oficial de ensino do

4 Marta Suplicy provocou reações por parte de setores conservadores por falar abertamente sobre sexo na TV. O que consideramos um avanço, estes setores consideravam “pornografia”. Um dos mais aguerridos grupos que representavam o conservadorismo eram as Senhoras de Santana, que na década de 1980 protestava contra a discussão da sexualidade na televisão. O Quadro apresentado por Marta Suplicy no Programa TV Mulher foi alvo desse grupo, que chegou a acampar no portão dos estúdios da Rede Globo. Conseguiram que a Rede Globo tirasse o quadro do ar, mas poucos dias depois o povo exigiu sua volta, que foi triunfal.

município de São Paulo de 1989 a 1992, e de 2003 a 2004, e atuou junto a escolas das redes municipais de várias cidades brasileiras. E teve participação ativa na construção do Caderno de Orientação Sexual dos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Desde os anos 1980, assinalamos ainda a criação das seguintes instituições voltadas para a formação ou assistência em sexualidade: o Instituto H. Ellis, de 1984, em São Paulo; o Instituto Kaplan, de 1991, em São Paulo; o CEDES – Centro de Orientação e Desenvolvimento da Sexualidade, em São Caetano do Sul, fundado por Celso Marzano em 1995; o InPaSex – Instituto Paulista de Sexualidade, fundado por Oswaldo Martins Rodrigues Junior e Carla Zéglgio, em São Paulo, em 1996; o CORES – Centro de Orientação e Educação Sexual, criado em 2000, no Rio de Janeiro, por Marcos Ribeiro (RUSSO; ROHDEN, 2011).

É também dos anos 1980 a criação dos mais antigos grupos de pesquisa em universidade, o CAESOS – Centro Avançado para a Saúde e Orientação Sexual - Educação Preventiva em Sexualidade, DST, AIDS, Drogas e Violência, criado em 1985, na USP de Ribeirão Preto, pela professora Sonia Maria Vilela Bueno, e o Sexualidade & Vida, de 1990, também criado na USP (Campus de Ribeirão Preto), pela professora Maria Alves de Toledo Bruns (BEDIN, 2010).

Os demais grupos de pesquisa foram criados já nos anos 1990. Russo; Rhoden (2011) apontam o NES – Núcleo de Estudos da Sexualidade, da UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina como o mais antigo dos criados nessa década, em 1991, seguido pelo GEISH – Grupo de Estudos Interdisciplinares em Sexualidade Humana, da UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas e o NIES – Núcleo Integrado de Educação Sexual, da Universidade Estadual de Feira de Santana, na Bahia, ambos criados em 1992.

Bedin (2010) estudou sobre a formação de seis grupos da UNESP (*campi* de Araraquara, Assis, Bauru, Marília, Presidente Prudente e Rio Claro) e seis grupos externos a UNESP, estes últimos provenientes da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Estadual de Maringá (UEM) e Universidade de São Paulo (USP).

Da década de 1990 são apenas o GPESS – Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Sexualidades, da UNESP (Campus de Marília), de 1997, criado por Hugues Costa de França Ribeiro e o NUSEX – Núcleo de Estudos da Sexualidade, também da UNESP (campus de Araraquara, criado em 2000 por Paulo Rennes Marçal Ribeiro. Os demais grupos foram criados na década subsequente: O GEPS – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre as Sexualidades, da UNESP (Campus de Assis), por Fernando Silva Teixeira Filho, em 2001, mesmo ano em que também foram criados o GESEX – Grupo de Extensão e Pesquisa sobre Sexualidades, da UNESP de Rio Claro, por Celia Regina Rossi, e o GESE – Grupo de Pesquisa “Sexualidade e Escola”, da Universidade Federal de Rio Grande (FURG), criado por Paula Regina Costa Ribeiro. O NUDISE – Núcleo de Diversidade e Educação é de 2003 e foi criado por Arilda Inês Miranda Ribeiro, na UNESP de Presidente Prudente. O EDUSEX – Grupo de Estudos em Formação de Educadores e Educação Sexual, foi criado em 2004 por Sonia Maria Martins de Melo, da UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina. O CIPESS – Círculo de Pesquisa em Educação Sexual e Sexualidade, foi criado por Mary Neide Damico Figueiró na Universidade Estadual de Londrina – UEL, em 2005, e o GEPESEC – Grupo de Estudos e Pesquisa “Sexualidade, Educação e Cultura”, de 2006, foi criado por Ana Cláudia Bortolozzi Maia na UNESP de Bauru. E, mais recentemente, temos o NUDISEX – Núcleo de Estudos sobre Diversidade e Sexualidade, criado em 2009 na Universidade Estadual de Maringá – UEM, por Eliane Rose Maio (BEDIN, 2010).

Percebemos, então, dois fenômenos em relação à expansão dos espaços de estudo e pesquisa sobre Sexualidade e Educação Sexual no Brasil. A inserção da universidade com o aumento significativo dos grupos de pesquisa e a ampliação destes estudos para além do eixo Rio - São Paulo, que centralizava as ações nos anos 1970-80.

Outro grupo de ações que pode nos ajudar a fazer uma análise da institucionalização do conhecimento sexual no Brasil, é aquele constituído a partir das redes tecidas pelos diversos profissionais e instituições na realização de diversos eventos desde o final dos anos 1970.

Russo; Rohden (2011) verificaram que os congressos de educação sexual saíram na fren-

te, ao final da década de 1970:

O primeiro congresso destinado exclusivamente a temas de interesse sexológico de que tivemos notícias foi o I Congresso Brasileiro de Educação Sexual, realizado em 1978, no auditório do Ibirapuera, em São Paulo. Maria Helena Matarazzo, que esteve à frente da organização, conta que recebeu um convite de uma empresa de eventos e aceitou a proposta. O evento deu certo e a parceria deu origem a outras duas versões, realizadas em 1979 e 1980. O IV Congresso foi em 1981, foi a última edição da série e contou com o apoio da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. (p. 66).

A partir de 1983, por seis anos, a Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia – FEBRASGO, realizou os Encontros Nacionais de Sexologia. E, em 1989, com a criação da Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana, foi realizado no Rio de Janeiro, o I Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana, que existe até hoje – 16 anos de existência ininterrupta. Paralelamente, urologistas interessados em trazer para o Brasil o Congresso Mundial sobre Impotência, criaram em 1987, a Associação Brasileira para o Estudo da Impotência – ABEI⁵. De temática específica e destinados praticamente a urologistas, os congressos brasileiros sobre impotência foram realizados entre 1991 e 2001, e entre 2003 e 2007, a nomenclatura mudou para congressos brasileiros sobre inadequações sexuais⁶. Como descrevem Russo et al (2009, p. 624),

entre 1983 e 1989, a Comissão Nacional Especializada em Sexologia da FEBRASGO organizou sete Encontros Nacionais de Sexologia, sendo o primeiro deles em São Paulo e o segundo no Rio de Janeiro. No Encontro de Gramado, em 1987, ocorreu a assembleia de fundação da Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH), sendo então eleita e empossada sua primeira diretoria. O Encontro do Rio de Janeiro, em 1989, transformou-se assim no I Congresso da SBRASH.

A principal observação feita em relação à realização dos congressos com organização dos médicos é a participação intensa da indústria farmacêutica sob a forma de patrocínio. A outra é a rivalidade entre os médicos e os outros profissionais de saúde, que chegava a provocar forte tensão e discriminação.

A SBRASH é já fruto de uma tensão que então começava a se instalar. A Comissão Nacional Especializada em Sexologia da FEBRASGO, que promoveu os primeiros encontros, começou a encontrar resistências dentro da Federação, pelo fato de abrigar em seus quadros profissionais não-médicos, como psicólogos e educadores. A fundação de uma sociedade multiprofissional foi a saída encontrada para a questão entre a subordinação à medicina e a autonomização da especialidade, que continuará a atravessar o campo (Russo et ali, 2009, p. 623).

Ainda segundo Russo et al (op. cit.), a mencionada rivalidade dos anos 1980 no campo

5 Em 2003 a ABEI passou a ser ABEIS – Associação Brasileira para o Estudo das Inadequações Sexuais.

6 Em 1990 o IV Congresso Mundial sobre Impotência foi realizado no Brasil.

da Sexologia tem origem em uma já identificada disputa entre psiquiatras e psicólogos na década anterior. Ribeiro (1999) explica que, em 1972, o Conselho Nacional de Saúde solicitou esclarecimentos jurídicos sobre a validade legal da prática da psicoterapia pelo psicólogo, considerada uma prática médica que não deveria ser exercida por não médicos. O Conselho Federal de Medicina chegou a emitir um parecer sugerindo alteração do exercício profissional do psicólogo. Mas não houve alterações, e para a insatisfação de muitos da classe médica, os psicólogos mantiveram seu direito de praticar a psicoterapia.

Voltando à questão da rivalidade na sexologia,

embora a ginecologia-obstetrícia oferecesse um “nicho” de maior legitimidade do que a psicologia comportamental no momento de constituição do campo, a medicina necessita demarcar fronteiras claras entre suas práticas e as de outros profissionais para manter sua própria legitimidade. Um alvo especial são os psicólogos, que já vinham disputando espaço com psiquiatras no que diz respeito à prática psicanalítica. Ou seja, a rivalidade entre as duas profissões já era antiga e dizia respeito justamente à pretensão dos psicólogos de se nomearem “terapeutas” e realizarem procedimentos considerados como prerrogativa dos médicos. (Russo et al, 2009, p. 625).

Não podemos deixar de inserir neste estudo a criação do CLAM – Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos, em 2002, vinculado ao Instituto de Medicina Social da UERJ, que

tem como finalidade principal produzir, organizar e difundir conhecimentos sobre a sexualidade na perspectiva dos direitos humanos, buscando, assim, contribuir para a diminuição das desigualdades de gênero e para o fortalecimento da luta contra a discriminação das minorias sexuais na região. [...] o Centro articula pesquisadores, militantes e outros parceiros interessados em fomentar o debate sobre a sexualidade e os direitos sexuais, coordenando atividades regionais no Brasil, Argentina, Chile, Peru e Colômbia. (RIO DE JANEIRO, 2015)

Ainda que com a participação de um coletivo atuante no campo da Sexualidade por ocasião de sua criação, os nomes de Sergio Carrara e Jane Russo se destacam e são aqui mencionados. O CLAM tem por objetivos

desenvolver e incentivar pesquisas sobre a política, a cultura e os saberes sexuais; capacitar profissionais atuando nas áreas da saúde, direito, educação e ciências sociais; contribuir para a formulação de políticas públicas, por meio da produção e divulgação de documentos estratégicos; produzir dados comparativos sobre sexualidade. (RIO DE JANEIRO, 2015)

Para finalizar esta exposição dos grandes eventos do campo sexual, recentemente e fora do circuito da Sexologia Médica, tivemos em 2008 a realização, em Araraquara (SP), do I Congresso Brasileiro de Educação Sexual “UNESP – UEL – UDESC”, que foi germinado em dois eventos menores, o I Simpósio de Sexualidade e Educação Sexual “Paraná – São Paulo” (Araraquara, 2005) e o II Simpósio de Sexualidade e Educação Sexual “Paraná – São Paulo – Santa Catarina” (Londrina, 2006).

Estes eventos foram realizados a partir da iniciativa de Paulo Rennes Marçal Ribeiro, da

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, citado por Russo; Rohden (2011) como pertencente à segunda geração de sexólogos da Segunda Sexologia, e Mary Neide Damico Figueiró, da UEL – Universidade Estadual de Londrina, aos quais se juntaram Sonia Maria Martins de Melo (Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC), também citada por Russo; Rohden (2011) como pertencente à segunda geração de sexólogos da Segunda Sexologia, e Ana Cláudia Bortolozzi Maia e Celia Regina Rossi (UNESP).

Esta parceria levou à realização, em 2010, do I Congresso Internacional de Sexualidade e Educação Sexual, na Universidade de Aveiro, Portugal, com intensa e efetiva participação brasileira na Organização; e, em sequência, em 2012, do II Congresso Internacional, em Araraquara. Este último abrigou também o II Congresso Brasileiro de Educação Sexual “UNESP – UEL – UDESC”, que teve sua terceira edição em 2014, em Florianópolis. O III Congresso Internacional de Sexualidade e Educação Sexual foi realizado em Lisboa, também em 2014. Tivemos ainda a realização dos III Congresso Brasileiro, em 2014, em Florianópolis; IV Congresso Brasileiro, novamente em Araraquara, em 2016; IV Congresso Internacional, em Rio Claro, em 2017; V Congresso Brasileiro, em Londrina, em 2018; e V Congresso Internacional em Braga, Portugal, em 2019.

Os eventos acima descritos tiveram um grupo de pesquisa como aglutinador tanto de outros grupos quanto de pesquisadores do campo sexual – o Núcleo de Estudos da Sexualidade (NUSEX), objeto de estudo de Bedin et alii (2010), Bedin (2016) e Ribeiro (2010).

Consideramos os anos 2000 – 2014 como a época áurea do fortalecimento e consolidação da educação sexual no país, o coroamento de uma história iniciada com a institucionalização do conhecimento sexual nas primeiras décadas do século XX.

A partir de 2014, como aponta Ribeiro (2019), cresce no Brasil um movimento conservador ideologicamente de extrema direita que paulatinamente conquista a população do país com um discurso de contestação à educação sexual decorrente do recrudescimento de valores opostos àqueles até então correntes na sociedade. Liberdade de expressão, direitos civis e direitos humanos, igualdade de gênero, combate à homofobia, erradicação do racismo, promoção da defesa do meio ambiente são pautas rotuladas de esquerdistas e precisam ser erradicadas da sociedade. Se intensifica a proliferação de uma equivocada compreensão ou interpretação dos Estudos de Gênero, transformados na chamada ideologia de gênero e, conseqüentemente, objeto de ataque por parte de um fundamentalismo cristão que teme a dissolução da família e, ao mesmo tempo, sente a necessidade de transformar o Brasil em uma imensa nação cristã. Entre 2014 e 2015 os Planos Municipais de Educação que foram elaborados com tópicos que sinalizavam a educação sexual e o debate em torno das questões de igualdade de gênero foram obrigados, pelas câmaras de vereadores, a suprimirem os artigos que favoreciam ações educacionais destes temas. A BNCC – Base Nacional Comum Curricular, que em sua versão original, contemplava claramente gênero e educação sexual, só teve homologação aprovada em 2017 quando sua versão final eliminou os parágrafos que possibilitavam e incentivavam as reflexões e ações envolvendo esses temas “inapropriados”.

Esse movimento toma conta do país e consegue, em 2018, eleger um presidente da República de extrema-direita, cuja vitória estimula discursos e ações autoritárias cerceando *liberdade, igualdade e fraternidade*, que acaba retirando do espaço escolar a possibilidade de continuidade à consolidação e fortalecimento da educação sexual no Brasil. Inauguramos, então, um novo momento desse campo de conhecimento no país, sem podermos ainda, vislumbrar os efeitos das transformações em andamento.

Referências

AUGUSTO, V. O. **Uma contribuição à historiografia da educação sexual no Brasil: análise de três obras de Antonio Austregésilo (1923, 1928 e 1939)**. Araraquara, 2015. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

BARCISNKI, A. Musa de “Emmanuelle” morre aos 60. In: Folha de São Paulo, 19/10/2012. <http://app.folha.com/#noticia/155983> Acessado em 16/04/2015.

BARROS, F. B. **Influencia do celibato sobre a saude do homem**. Salvador, 1869. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, Salvador.

BARROSO, C.; BRUSCHINI, C. **Educação sexual: debate aberto**. Petropolis: Vozes, 1982.

BEDIN, R. C. **A institucionalização do conhecimento sexual enquanto tema de investigação e ensino em universidades brasileiras a partir das ações de grupos de pesquisa**. Araraquara, 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista.

BEDIN, R. C.; RIBEIRO, P. R.M.; MUZZETI, L. R. O grupo de pesquisa na universidade brasileira como aglutinador de estudos temáticos: o caso do Núcleo de Estudos da Sexualidade. In: TEIXEIRA, F. et all (Orgs.) **Sexualidade e educação sexual: políticas educativas, investigação e práticas**. Braga: Edições CIEd – Centro de Investigação em Educação, Universidade do Minho, 2010, p. 343-349.

BEDIN, R. C. A história do Núcleo de Estudos da Sexualidade e sua participação na trajetória do conhecimento sexual na UNESP. 2016. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 154 f.

BÉJIN, A. **Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos**. In: ARIÉS, Ph.; BÉJIN, A. **Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 210-235.

CARRARA, S.; RUSSO, J. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda. In: **História, Ciências, Saúde – Manquinhos**. Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 273-290, 2002.

CORRÊA, M. V. Sexo, sexualidade e diferença sexual no discurso médico: algumas reflexões. In: LOYOLA, M.A. (Org.) **A sexualidade nas ciências humanas**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, p. 69-91.

COSTA, B. S. M. **Educando para castidade: um olhar da Igreja Católica sobre a educação sexual nos anos 30 (século XX)**. Recife, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

CUNHA, H. A. **Dissertação sobre a prostituição, em particular na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 1845. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

EZABELLA, A. **Hernani do Irajá: arte e ciência de um sexólogo brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual no Brasil: estado da arte de 1980 a 1993**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1995.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. Londrina: UEL, 2001.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Formação de educadores sexuais: a caminhada histórica deste trabalho no Brasil. In: RIBEIRO, P. R. M.; FIGUEIRÓ, M. N. D. **Sexualidade, cultura e educação sexual: propostas para reflexão**. Araraquara: Laboratório Editorial FCL; São Paulo: Cultura Acadêmica,

2006, p.211-232.

GATTI, A. P. **Embrafilme e o cinema brasileiro**. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2008.

GUIMARÃES, I. **Educação sexual: mito ou realidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

LEMOS, J. P. **Breves considerações acerca do celibato professado pelas mulheres**. Tese (Doutorado em Medicina) – Faculdade de Medicina da Bahia, 1851.

MACHADO, R.; LOUREIRO, A.; LUZ, R.; MURUCY, K. **Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MAIO, E. R. História da educação sexual no Brasil: dos ginásios vocacionais à nova LDB (1960-1980). In: **DOXA – Revista Brasileira de Psicologia e Educação**. Araraquara: Departamento de Psicologia da Educação da UNESP, v. 17, n. 1 e 2, 2013, p. 183-219.

MATARAZZO, M. H. **Arte de amar: orientação sexual para o jovem de hoje**. São Paulo: Editora Três, 1982.

OKAWARA, H. ; SAWAYA, R. B. **Amar: toda a realidade sobre a vida sexual**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1977, 2 v.

OLIVEIRA, C. Higiene matrimonial, sexualidade e modos de subjetivação no Brasil do século XIX (1847-1870). In: **Revista EPOS – Genealogia, subjetivação e violências**. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social da UERJ, v. 4, n. 2, 2013.

REIS, G. V. **Sexologia e educação sexual no Brasil nas décadas de 1920 – 1950: um estudo sobre a obra de José de Albuquerque**. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. Universidade estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2006.

REIS, G. V.; RIBEIRO, P. R. M. A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004, p. 27-71.

RIBEIRO, A. A. **A nymphomania**. 1842. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: E.P.U., 1990.

RIBEIRO, P. R. M. Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência Editora, 2004, p. 13-25.

RIBEIRO, P. R. M. A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. In: FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2009, p. 129-140.

RIBEIRO, P. R. M. **Dez anos do NUSEX – Núcleo de Estudos da Sexualidade: formando pesqui-**

sadores da Iniciação Científica ao Pós- Doutorado. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2010.

RIBEIRO, P. R. M. **Saúde Mental no Brasil**. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

RIBEIRO, P. R. M. Desafios contemporâneos em educação sexual: a perda do ambiente mental, social e escolar. In: DESIDÉRIO, R. **Interseccionalidade e transgressões em educação sexual**. Londrina: Syntagma, 2019, p. 29-39.

RIO DE JANEIRO. UERJ. <http://www.clam.org.br/quem-somos/conteudo.asp?cod=65> Acesso em 22 de Abril de 2015.

RUSSO, J.; ROHDEN, F.; TORRES, I.; FARO, L. O campo da Sexologia no Brasil: constituição e institucionalização. In: **Physis: Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 617-636, 2009.

RUSSO, J.; ROHDEN, F. (Coord.) **Sexualidade, ciência e profissão no Brasil**. Rio de Janeiro: CEPESC, 2011.

SÁ, M. A. H. de. **A cópula, o onanismo e a prostituição**. 1845. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

SAYÃO, Y. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J. G. (org.) **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus Editorial, 1997, p. 107-117.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. São Paulo: Círculo do Livro, 1983. SUPLICY, M. Educação sexual: verdade ou moral? In: **Folha de São Paulo**. Tendências & Debates, 14/06/1981, p. 3.

TAVARES, V. O Pasquim: Representações de Gênero e Sexualidade no Regime Militar (1964-1984). In: **Anais do XV Encontro Regional da História da ANPUH-Rio**. Disponível em 16/04/2015. http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338418255_ARQUIVO_OPasquimRepresentacoesdeGeneroeSexualidadenoRegimeMilitar.pdf

VALLE, L. V. D'A. **Mulher e matrimônio: medicamentos considerados**. Rio de Janeiro, 1847. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Recebido em 7 de setembro de 2020.
Aprovado em 17 de novembro de 2020.